

Para citar esse documento:

SANTANA, Gabriela Santos Cavalcante. “Dança mais eu”: a capoeiragem no ensino, extensão, pesquisa e criação em dança. *Anais do V Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança*. Natal: ANDA, 2017. p. 878-891.



[www.portalanda.org.br](http://www.portalanda.org.br)

**“DANÇA MAIS EU”:  
A CAPOEIRAGEM NO ENSINO, EXTENSÃO, PESQUISA E CRIAÇÃO EM DANÇA**

Gabriela Santos Cavalcante Santana (UFPE)\*

**RESUMO:** Este artigo diz respeito ao projeto editorial de um livro intitulado “*Dança mais eu*”: *a capoeiragem no ensino, extensão, pesquisa e criação em dança*. Desse modo, este texto objetiva concentrar-se numa de uma escrita-síntese que provoque reflexões sobre a contribuição do material no contexto macro da Dança, no que concerne o desenvolvimento de uma abordagem teórico-prática interessada nas fricções entre a dança popular e o pensamento contemporâneo. Para além de pensamentos sobre a produção teórico-prática em dança e capoeira, apresentamos questões políticas sobre a forma como lemos e compreendemos as danças populares e as implicações de uma abordagem dedicada ao reconhecimento de conhecimentos próprios destas danças. Para tanto, trabalhamos conceitos e ideias propostos pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2006) para discussão sobre a relevância epistêmica sobre o conhecimento gerado em práticas culturais, desenvolvidas em países Ibéricos e Latino-americanos, como modo de combater o pensamento hegemônico e o eurocentrado.

**PALAVRA-CHAVES:** Capoeira. Danças populares. Tradição. Contemporaneidade.

**ABSTRACT:** This article concerns the editorial project of a book titled “**Dança mais eu**”: *a capoeiragem no ensino, extensão, pesquisa e criação em dança*. Thus, the aim of this text concentrated on a writing-synthesis that provokes reflections on a contribution of the material without macro context of the dance, does not worry about the development of a theoretical-practical approach interested in the frictions between the popular dance and the contemporary thought. In addition to thoughts on the practical-theoretical production in dance and capoeira, political questions are presented on how we read and the collective ones as popular dances and as implications of an approach dedicated to the recognition of own knowledge of their dances. Therefore, we work concepts and ideas proposed by the Portuguese sociologist Boaventura de Sousa Santos (2006) to discuss of the epistemic relevance

of the knowledge generated in cultural practices, developed in Iberian and Latin American countries, as a way of combating hegemonic and Eurocentric thinking.

**KEY WORDS:** Capoeira. Popular dances. Tradition. Contemporaneity

Este artigo diz respeito ao projeto editorial de um livro intitulado **“Dança mais eu”**: a capoeiragem no ensino, extensão, pesquisa e criação em dança. Nele serão discutidos pensamentos e práticas artístico-pedagógicas em dança, a partir da capoeira Angola. No entanto, o desenvolvimento das ideias aqui elaboradas são reverberações de uma pesquisa interdisciplinar, nesta interseção, ao longo de onze anos de estudos. Por estas razões, a concepção e a produção do referido livro é o motivo para discorrer sobre a relevância de um projeto editorial desta natureza, sendo pertinente destacar a necessidade de expansão da produção crítica especializada sobre o tema, uma vez que, ao veicular esta pesquisa, são levantadas, conseqüentemente, reflexões sobre como as danças populares dialogam com a construção epistêmica da área da Dança.

Pensamentos gerados durante minha atuação como professora de um curso superior de dança são reunidos para justificar a sugestão do referido livro. Assim, parto da constatação que sofremos certa compressão de espaços de discussão para pensar a dança popular e a interseção entre o popular e o que hoje identificamos como um pensamento contemporâneo em/de dança.

Este pensamento contemporâneo não está restrito a algum padrão estético particular e, sim, a modos de fazer danças regidos por um pensamento crítico e inventivo que se constrói via uma postura investigativa interessada na potência das singularidades de cada artista-pesquisador.

Nessa direção, podemos verificar que assuntos referentes a dança contemporânea têm sido amplamente debatidos. Situação resultante da conjuntura de diversos fatores, desde a formação do grande contingente de pesquisadores neste campo de conhecimento até a elaboração de matrizes curriculares de cursos de dança e literatura especializada nesta área, dentro e fora do Brasil.

Ao mesmo passo, sabemos que os cursos de graduação em dança, sejam estes de licenciatura ou bacharelado, não possuem a função de instrumentalizar seus discentes em estilos específicos, fazendo-me gerar a seguinte inquietação: Como podemos potencializar discussões sobre práticas, metodologias e teorias em danças que não estão sob o guarda-chuva da chamada dança contemporânea? Sobretudo, quando consideramos o grande contingente de danças ensinadas fora da universidade, este ambiente acadêmico?

É notável a expansão de pesquisas de mestrado e doutorado acadêmicos sobre as danças populares, bem como é expressiva a expansão de pesquisas artísticas e criações nesta seara. Mesmo assim, ousar dizer que o pensamento gerado nestes ambientes não possuem a devida ressonância na construção epistêmica da área. Então, porque não pensar em ações para catalisar este conhecimento? Arrisco dizer que o campo da dança possui poucos espaços “heterotópicos” para troca e diálogo sobre este tema, principalmente, se pensarmos no perfil transdisciplinar destas danças que, antes de serem técnicas corporais, são também práticas culturais.

Esta natureza híbrida também provoca o deslocamento de preconceitos, estigmas e aspectos identitários para o centro da cena, dificultando, conseqüentemente, o entendimento de como estas danças geram conhecimento

artístico e estético. A artista-pesquisadora da dança Valeria Vicente, ao discorrer sobre a produção cênica a partir da dança popular, explica:

[...] recentemente, no Brasil, a compreensão dessa estereotipia historicamente construída, gerou, em críticos e artistas da dança contemporânea, certa rejeição aos trabalhos que envolvem elementos das culturas populares. Os artistas que persistem em algo do tipo parecem ser acusados – em muitos casos ignorando-se a sua existência enquanto produção artística – de serem cúmplices do sistema, corrompidos por questões mercadológicas, turísticas ou por políticas públicas alicerçadas naquela compreensão de arte brasileira, construída com base no romantismo e na necessidade da imagem de nação homogênea. Ainda, nesse sentido, qualquer abordagem a elementos “regionais” pode ver-se presa no reverso de uma mesma armadilha, pois, nessa perspectiva, em princípio, toda criação que de alguma maneira se refere ao universo popular precisa passar na prova de não estar endossando aquela prerrogativa de nacionalidade.” (VICENTE, 2009, p. 31-32).

Tal cenário me faz pensar sobre qual lente usamos para ler, investigar e compreender os saberes populares. Quais ferramentas conceituais possuímos para apreender a ler o conhecimento próprio dessas danças? Quais fricções e princípios emergem na construção dialógica entre conhecimentos e danças locais e não-locais, a despeito de técnicas e metodologias formuladas em outros países?

O livro que está sendo gestado não é uma escrita que busca equacionar todas essas provocações, mas compartilha ações concebidas na fronteira entre o popular e o contemporâneo em dança, realizadas no tripé do ensino, pesquisa e extensão. São artigos que respeitam minha trajetória como pesquisadora e artista docente desde 2009, quando atuei como professora no Curso de Educação Profissional Técnico de Ensino Médio em Dança da Escola de Dança da Funceb, e

no curso de Licenciatura em Dança, desde 2010, na Universidade Federal de Pernambuco, desde 2010.

O trajeto é marcado por investigações realizadas para atender as necessidades apresentadas por cada uma das disciplinas em que atuei como professora, bem como pelas investigações realizadas por mim, entre os anos de 2009 a 2017, como veremos mais adiante.

Em vez de capítulos ordenados pela lógica da sucessividade, o projeto é pensado como um livro composto por uma coletânea de artigos que poderão ser lidos de forma não sequencial. No entanto, mesmo não havendo interdependência entre eles, a proposta é que sejam ordenados de modo a permitir ao leitor o entendimento das diferentes etapas desse estudo.

O primeiro artigo **Capoeira e Dança Cênica, isto não é de agora** (2009)<sup>1</sup> debate algumas lógicas identificadas no processo de apropriação da capoeira por parte de dançarinos em nichos diversos, na década de sessenta e setenta em Salvador-Bahia; desde a criação de importantes grupos de danças folclóricas, até o interesse de pesquisadores interessados em aspectos estéticos e artístico-pedagógicos da capoeira, dentro e fora da universidade.

O foco neste contexto particular, apesar de possuir limitações, aponta, também, evidências de iniciativas que ganharam relevo em produções literárias no campo da capoeira e da dança, uma vez que a investigação sobre o assunto se deu

---

<sup>1</sup> Subcapítulo extraído da dissertação de mestrado **Sobre a capoeira e dança cênica: tramas e mestiçagens culturais** escrita por mim e orientada pela Profa. Dra Eloísa Domenici defendida em 2009, no programa de Pós-graduação em Dança da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia.

centralmente, a partir de fontes bibliográficas desde esta época<sup>2</sup>. O propósito está em levantar um passado próximo e averiguar como tais ações ecoam, ainda hoje, nos modos criativos de outros pesquisadores que produzem na fronteira entre o popular e o contemporâneo.

Tal discussão conduziu-me ao entendimento de que a capoeira, assim como outras danças não acadêmicas, possuem lógicas próprias. Pensamento que ganhou impulso a partir das ideias propostas pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2006) sobre o que o autor nomeou como *epistemologia do Sul*; uma epistemologia presente em povos ibero e latino-americanos que tiveram algumas de suas dinâmicas sociais e culturais suplantadas pelo eurocentrismo.

Sendo assim, o segundo artigo nomeado **Uma pesquisa em dança a partir da subjetividade barroca da capoeira** (2009)<sup>3</sup> apresenta conceitos que facilitam o entendimento da subversão da capoeira como prática tradicional, constantemente infiltrada em contexto artístico, desmistificando a dicotomia entre o popular e o erudito.

O que apesar disso me parece inspirador na cultura barroca é o seu lado de subversão e excentricidade, a fraqueza dos centros de poder que nela buscam legitimação, o espaço da criatividade e de imaginação que ela abre, a sociabilidade turbulenta que promove (SANTOS, 2006, p. 206).

<sup>2</sup> Exemplos de referências sobre o assunto são os livros **Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico** de Waldeloir Rego; **Passos da dança: Bahia** de Lia Robatto & Lúcia Mascarenha e **O corpo na capoeira. Breve panorama: estórias e histórias da capoeira**. v. 2 de Eusébio Lobo da Silva.

<sup>3</sup> Este artigo foi confeccionado no ano de 2011, mas parte significativa dele está contida na dissertação de mestrado já indicada na nota de rodapé número 1.

A argumentação de Santos (2006) sobre o espaço da criatividade e da imaginação como meio pelo qual as práticas culturais marginalizadas subvertem as ordens impostas por um sistema opressor, elucida como os mecanismos de preservação e recriação que ocorrem em nosso contexto cultural operam, na medida em que, o mesmo autor contextualiza como esta subjetividade barroca se articula em meio a tensões sociais e econômicas características de países colonizados.

É neste artigo que também arrisco uma leitura crítica sobre aspectos presentes na capoeira, tais como ambiguidade, ambivalência, subversão, imprevisibilidade e individualidade (SANTANA, 2009). Aspectos identificados não somente no modo de jogar, mas, sobretudo, na percepção das coisas e do mundo. Esta discussão parece oportuna no momento atual, em que teorias pós-coloniais e decoloniais são (re)formuladas para provocar nossa falta de consciência sobre processos e condutas colonizatórias/colonizantes/colonizadas que orientam nossos hábitos e nossas escolhas estéticas e pedagógicas.

Identificar como esses aspectos aparecem no corpo e movimento não foi suficiente. Foi importante desestabilizar o modo de ensinar a capoeira e descobrir como potencializar esses aspectos em prol de um ensino mais criativo. No artigo **Investigando a capoeira Angola enquanto recurso artístico-pedagógico em dança** (2011)<sup>4</sup>, relato como tais aspectos foram trabalhados enquanto princípios organizativos nas aulas ministradas em três grupos de faixas etárias distintas, nas quais transversalizei pontos comuns para um trabalho de consciência corporal e criação em dança.

---

<sup>4</sup> As turmas eram identificadas como: iniciação - crianças de seis a sete anos; nível 5 - jovens de treze a quinze anos e nível sete - jovens de dezesseis a dezoito anos.

O livro ainda conta com outros três textos agrupados para apresentar modos inventivos de pensar características e pensamentos sobre a capoeira para a dança, potencializando, conseqüentemente, o aspecto criativo da pesquisa, principal lugar de interesse em minha trajetória.

No artigo **Improvisação, capoeira e dança: o compartilhamento de uma pesquisa artístico-acadêmica** (2013), a discussão se dá em torno de três importantes macro-etapas investigativas, sendo elas: 1) um momento de pesquisa sobre o modo como o ‘corpo-capoeira’ é organizado; 2) as estruturas de relação que emergem em situações de jogo e interação na capoeiragem; 3) e a disponibilidade, percepção e atenção resultante destas relações que passam a afetar o modo como nos relacionamos com o mundo. Neste texto, a improvisação é abordada dentro e fora da capoeira, informando, ainda, o entendimento de corpo e de expressão condizente a esta abordagem.

Assim, pesquisar sobre como “eu” me relaciono e como “meu” corpo é afetado no jogo ou na roda de capoeira foi imprescindível para os novos rumos da pesquisa acerca das investigações sobre os estados de corpo e os estados alterados da consciência. Parte daí o artigo **O transe capoeirano e uma pesquisa em dança e capoeira** (2013). Uma pesquisa focada na modulação de estados corporais, a partir de estudos realizados pelo neurocientista português António Damásio, em cruzamento com ideias desenvolvidas pelo mestre de capoeira e também neurocientista Ângelo Decânio<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Mestre Ângelo Augusto Decânio Filho, discípulo de Mestre Bimba, nasceu em 1923 e faleceu em 2012 com 88 anos de idade. Foi autor de diversos livros sobre a capoeira, além de atuar expressivamente na constituição da capoeira Regional.

No artigo em questão, avanço consideravelmente em uma pesquisa autoral que entremeia um olhar somático e performativo para desenvolver outras formas de criar a partir da capoeira. Neste momento, o jogo da capoeira é discutido como ignição para a criação e a improvisação em dança, a partir da explicação de conceitos tais como, estado de atenção, estado de prontidão e mente encarnada.

Esses últimos dois artigos, conseqüentemente, permitem avanços no debate sobre os tipos de corporalidades e poéticas que podemos desenvolver a partir de uma investigação artística que não parte da forma, mas de princípios e dinâmicas que modulam a expressividade desta prática. Assim sendo, após trabalhar na primeira fase da pesquisa prática sobre como o corpo-capoeirista se organiza e improvisa, passei a me perguntar sobre qual o entendimento compositivo e dramático pode ser trabalhado a partir desta abordagem.

No artigo seguinte, nomeado **Erranças<sup>6</sup>: um processo de investigação e criação a partir da capoeira** (2017), a pesquisa retorna para questões que orientaram as primeiras investigações práticas, tendo em vista que, criar a partir de estados corporais desencadeou outros modos de expressar e ressignificar o movimento da capoeira. Desse modo, apresento aspectos que modularam expressivamente a corporalidade desta performance, sendo eles: ancentralidade, ritualidade, memória e pertencimento, que são aspectos frequentemente tematizados por diretrizes compositivas fixas, utilizadas para responder pela representação de um corpo 'coletivo e social'; ou ainda, para afirmar aspectos

---

<sup>6</sup> A referida pesquisa foi contemplada pelo Sistema de Incentivo à Cultura do Estado de Pernambuco SIC/FUNDARPE, no ano de 2015. Atualmente é apresentada no formato como performance, mas já foi veiculada como *work in process*, gerando intervenções, vídeo-registro e uma exposição com rastros e pistas do processo. Ver fotos do trabalho em anexo.

culturais que foram historicamente violentados por processos de exotização e fácil consumo desta prática.

No entanto, a supervalorização da virtuosidade técnica, assim como a romantização de gestos e narrativas, na maioria das vezes, serviu para enaltecer uma identidade nacional, colaborando para a replicação de trabalhos pautados em coreografias virtuosísticas, executadas por exímios bailarinos que supervalorizavam as formas e, algumas vezes, colaboravam para o esvaziamento dos sentidos que animam tais formas.

Sendo assim, o debruçamento investigativo sobre uma pesquisa em dança popular – neste caso, na e com a capoeira –, a partir de estados corporais, gera um pensamento analítico distinto para pensar a performatividade não somente da capoeira, como também de outras danças reconhecidas como populares e tradicionais, densificando as fricções sobre a forma como ensinamos e aprendemos estas danças; e como estas são difundidas, disseminadas, transmitidas.

Desvelar tensões políticas presentes nessas danças requer que habitemos outros nichos de conhecimento. Possibilita-nos questionar o achatamento de estruturas que enquadram nossa experiência artístico-estética, como argumenta André Lepecki (2010) sobre a neutralidade dos espaços e dos tipos de chãos que sobrepujam cicatrizes de historicidade. Em território “neutro”, como em uma sala de dança, aspectos afetivos e políticos presentes nessas danças são comumente diluídos em prol de um olhar técnico que suprime pontos de tensão importantes para improvisar e criar.

Portanto, entendendo que tais tensões se fazem presentes nas próprias relações geridas em *lócus*, bem como nas relações existentes entre os próprios mestres e mestras da capoeira, também faz parte do livro, o último artigo intitulado **Capoeira no CAC: aspectos de um projeto de extensão em capoeira** (2013). Neste artigo é colocado em evidência como um projeto de extensão<sup>7</sup> – delineado para diálogo entre representantes, iniciados da capoeira e comunidade acadêmica – alimentou práticas e discussões necessárias para avançarmos nos estudos sobre o corpo, o movimento e a dança.

Nesta direção, entendo que a veiculação desta pesquisa em formato de um livro é apenas uma dentre outras pesquisas que vem sendo integradas à preparação corporal de dançarinos oriundos da cultura popular e, também, de pesquisadores que tem as manifestações populares como objeto investigativo. Todavia, mesmo havendo grande contaminação de modos performativos e somáticos no trabalho de criadores, dançarinos e professores de dança, tais metodologias nem sempre impactam os projetos poéticos desses mesmos profissionais que, em alguns casos, recorrem a poéticas pautadas na reprodução de gestos, comportamentos e repertório de movimento já cristalizado ou extremamente estabilizados.

---

<sup>7</sup> Este projeto propunha no primeiro ano (2013) atividades mensais, sendo o segundo ano (2014) atividades bimensais. A partir destas, pudemos refletir sobre a relevância das atividades programadas a cada encontro; sendo o início sempre caracterizado por uma roda de capoeira no hall do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. Isto porque acreditamos que no evento, roda, temos implícitas questões tangentes ao processo de ensino-aprendizagem, tanto de quem participa jogando, quanto de quem assiste. Depois da experiência do jogo e da roda, ou melhor, da forma como cada profissional conduz este momento, todos os participantes confraternizavam em torno de mungunzá e se preparando para novo momento com o convidado que, na maioria das vezes, dividia a tarde em: momento de bate-papo e ou de práticas corporais e/ou musicais.

Sendo assim, sugiro manter a fricção. Escrever e problematizar como abordamos o tradicional e o contemporâneo, dando espaço para uma investigação contínua sobre um pensamento investigativo e engenhoso sobre os saberes artísticos presentes nas próprias danças populares, sem que sejamos sugados por questões que resvalam diretamente em modos hegemônicos que reduzem a complexidade sistêmica inerente às culturas tradicionais.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. **LANDER, Edgardo. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales/CLACSO, 2005.**

LEPECKI, André. Planos de composição. In: GREINER, Christine; SANTO, Cristina Espírito; SOBRAL, Sônia. (Orgs.). **Cartografia Rumos Itaú Cultural Dança: mapas e contextos.** São Paulo: Itaú Cultural, 2010. p.12-20.

MIGNOLO, Walter D. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. **Buenos Aires: CLACSO, 2005.** LANDER, Edgardo et al. (Ed.). in **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas.** CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales= Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, 2005.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico,** Salvador: Itapuã, 1968.

ROBATTO, Lia; MASCARENHAS, Lúcia. **Passos da dança: Bahia.** Fundação Casa de Jorge Amado, 2002.

SANTANA. Gabriela Santos Cavalcante. **Sobre Capoeira e Dança Cênica: Tramas e Mestiçagens Culturais**. 190f. 2009. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SANTANA. Gabriela Santos Cavalcante. O transe capoeirano e uma pesquisa em dança e capoeira. In LIBERAC, Cardoso Simões Pires, FIGUEIREDO, Franciane Simplício, MAGALHAES, Paulo Andrade Filho, MACHADO, Sara Abreu da Mata (organizadores) **Capoeira em múltiplos olhares: estudos e pesquisas em jogo** . – CRUZ DAS Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. 549p.: il. (Coleção UNIAFRO;13).

SANTANA. Gabriela Santos Cavalcante. Improvisação, capoeira e dança: o compartilhamento de uma pesquisa artístico-acadêmica. No prelo para o **IV Engrupe da dança: pesquisa em dança- interculturalidade e diáspora**, 2013.

SANTANA. Gabriela Santos Cavalcante. Investigando a capoeira Angola enquanto recurso artístico-pedagógico em dança. In: **III Seminário e Mostra Nacional de Dança Teatro: Coleção Caminhos da Dança Teatro no Brasil**. Viçosa: Tribuna Editora, 2011. v. 3. p. 01-351.

SANTANA. Gabriela Santos Cavalcante. Uma pesquisa em dança a partir da subjetividade barroca da capoeira. In: **VII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura - ENECULT. Salvador**: Edufba, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política – 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008 (Coleção para um novo senso comum: v.4).

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social** /Boaventura de Sousa Santos; tradução Mozar Benedito. - São Paulo: Boitempo, 2007.

SILVA, Eusébio Lôbo da. **O corpo na capoeira**. Breve panorama: estórias e histórias da capoeira. v. 2. Campinas: Unicamp, 2008.

**Gabriela Santos Cavalcante Santana** é professora assistente do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Possui mestrado em Dança pelo Programa de Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia e graduação em Dança (bacharelado e licenciatura) pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Como artista-pesquisadora investiga a capoeira Angola e processos de criação e improvisação em dança. E-mail: [gabiscs@yahoo.com.br](mailto:gabiscs@yahoo.com.br)